

RESENHA

SOUZA, J. W. *Camaradas e Santos: Notas sobre catolicismo popular e suas representações simbólicas*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017.

A FUNDAMENTAÇÃO MÁGICA DA REALIDADE COMO ESTRATÉGIA DE REPRESENTAÇÃO DO MUNDO

Urias do Couto Gonçalves*

Em “Camaradas e Santos: notas sobre catolicismo popular e suas representações simbólicas”, José Wellington de Souza narra as relações entre os homens e o divino, num contexto de marginalidade urbana de ex-camaradas ou ex-colonos rurais da cidade de Liberdade, no sul de Minas Gerais. O livro trata de uma representação de mundo magicamente fundamentada, que carrega de significados e sentidos a dinâmica social.

O autor apresenta a concepção de um mundo urbano ao qual o morador oriundo da zona rural tenta se adaptar, recorrendo aos símbolos e sentidos da vida rural abandonada para explicar a experiência urbana atual cheia de problemas e dilemas cotidianos. O autor conversa com o debate sobre o campesinato a partir de leituras de Florestan Fernandes, Antônio Candido e Maria Isaura Pereira de Queiros, entre outros. O texto baseia-se em uma abordagem interdisciplinar em uma pesquisa qualitativa, transitando entre as ciências sociais e as ciências da religião.

Ao longo do livro o autor descreve os males ora como castigos sofridos por aqueles que desviavam da moral ou como fruto de feitiço. O sistema simbólico acionado mistura um catolicismo rústico com religiosidades de matriz africana e neopentecostalismo. A figura do benzedor, por exemplo, garante o acesso ao divino para reordenar o mundo. Souza analisa, assim, a relação entre a desagregação social entre ex-agregados rurais e o uso de explicações pautadas em princípios mágicos para definir acontecimentos da vida cotidiana. A condição de desagregação dos moradores e a explicação mágica embasam a análise das disputas pelo

monopólio da definição de realidade entre grupos religiosos. As histórias dos ex-agregados são descritas a partir dos conceitos nativos sobre o tempo e a organização social magicamente fundamentada.

O estudo permitiu expor a inadequação à lógica capitalista de trocas à economia de paiol, que organizava a vida rural. A economia agrária de subsistência tinha um tempo próprio, diferente da lógica capitalista de trabalho assalariado, o que provocou um desajuste pela adaptação às pressas à nova lógica sobre a reprodução da vida. Nesta economia rústica a quase que totalidade era destinada a sua sobrevivência da família e apenas uma pequena parte excedente era destinada à venda. O ex-agregado organizava a nova vida econômica em torno da caderneta da venda.

Porém, nem tudo ficou assentado, e os sintomas da desagregação social seriam a falta de trabalho, o salário insuficiente, o alcoolismo e as doenças. Para essas tragédias o autor observa a predominância de explicações mágicas. Por exemplo, quando uma pessoa boa sofre uma tragédia, esse fato só pode ser explicado por serem vítimas de uma prática mágica, um feitiço ou uma macumba. Ao contrário, a explicação para algo ocorrido com uma pessoa de “raça ruim” seria somente um castigo merecido. Essa representação do mundo fundamentada magicamente ajuda a compreender os laços de vizinhança e até mesmo de parentesco na localidade.

O tempo vivido pelos moradores da periferia de liberdade também era entendido a partir da lógica mágica, como dividido entre o tempo em que Jesus andou na terra, o tempo dos antigos e

* Professor IF Sudeste MG. Doutorando em Ciências Sociais – PPGCSO – UFJF;
Contato: urias.goncalves@ifsudestemg.edu.br

o tempo atual. A ruindade de algumas pessoas era exemplarmente castigada nos tempos dos antigos. Outras narrativas relatam castigos sobre quem quebra regras, como os casos de casamento incestuoso. Entre as narrativas dos tempos dos antigos estão esclarecidas a relação de proximidade e similaridade entre porcos e humanos pela lógica mágica. O lobisomem local seria um porco, oposto simétrico do homem e herdeiro dos filhos de Eva transformados em porcos. A valorização do trabalhador também contrasta com a benção de Nossa Senhora aos cachaceiros e a maldição às lavadeiras.

A leitura do texto nos envolve na complexidade do modo de vida na periferia do mundo urbano. A voz nativa apresentada lança luzes sobre os desajustes e as estratégias dos agentes para organizarem e construírem sentidos para suas vidas, aplicando os conceitos e noções de uma realidade passada. Ao trazer a narrativa sobre as relações entre os homens e o divino, Souza trata de uma história coletiva, de compartilhamento de valores, ideias e sentidos que ultrapassam os limites de Liberdade, já que o livro conta através de uma comunidade particular a história de todos nós.